

Resenhas/*Reviews*

O MESTRE AMIGO E O DRAMA DA IDEOLOGIA

Virgínia FONTES¹

Uma conversa na biblioteca

Esta resenha tem um perfil insólito. Como o livro, ela se constitui de um diálogo, uma conversa com o amigo e mestre Leandro Konder, como parte de um longo aprendizado que jamais se esgota. Leandro Konder realiza um percurso inusitado com o leitor. Estamos longe do mestre onipotente e autoritário, a espargir erudição como marca de distância e superioridade. O livro *A questão da ideologia* é uma conversa-visita a uma biblioteca muito especial, onde o autor dialoga com livros, com autores densos e complexos de forma leve e clara, em conversa partilhada com seus leitores.

Leandro Konder pensa em brasileiro². Não engoliremos mais uma tradução, e experimentaremos um encontro com um brasileiro que pensa em termos universais, capaz de integrar a contribuição mundial pensando em nossa língua. Isso é cultura. Esta é uma lição preciosa, pois a forma de redação desse livro abre-se para a participação do leitor, para a socialização de uma biblioteca (e de uma vivência) que não se resume ao conteúdo de cada livro e de cada autor citado, mas se orgulha, como uma obra de arte, do enorme tempo de trabalho, de preparação, de maturação e de refinamento que demandou, aceitando o processo de criação e descortinando um mundo para o leitor. Somos brindados com uma exposição clara, apaixonada, segura e profundamente didática, participando com o autor dos segredos mais ocultos e mais delicados garimpados por ele em cada um desses livros. Mais do que uma aula, mais do que um texto bem escrito, é uma viagem pelo pensamento que se exige aberto, aberto para os homens, para o tempo, para o futuro, para a dúvida. Essa é a primeira grande lição do texto - a simplicidade não resulta de uma escrita “fácil”, como querem de forma rápida alguns pretensos intelectuais que pautam em critérios mercadológicos a suposição de clareza. Leandro Konder demonstra que essa clareza-conduzida com mão de mestre - depende de muito trabalho, daquele trabalho no qual a paixão está entranhada, assim como a convicção de sua necessária sociabilidade.

¹ Departamento de História e Programa de Pós-Graduação em História – UFF – 24020-091 – Rio de Janeiro – RJ.

² Lúcia Wanderley Neves, amiga e companheira de trabalho, obrigada. Devo à agudeza do teu comentário a percepção de que muitos autores apenas traduzem enquanto outros pensam...

Como apresentar a experiência de leitura de toda a primeira parte desse livro, senão como uma viagem com o mestre-amigo ao interior de sua biblioteca mais pessoal, mais íntima, generosamente aberta para todos e cada um de seus leitores? Não encontraremos nesse livro a definição final do que é a ideologia ou a receita como eliminar tal “obstáculo”. Estamos diante de um enigma, como o que se defrontou Édipo diante da Esfinge, porém com uma diferença expressiva. O problema que a ideologia nos coloca é: “Decifra-me, *enquanto* te devoro” (p.12). Para Konder, pensar a ideologia supõe interrogar, simultaneamente, o que é o próprio pensamento, em que consiste o conhecimento e o ato de produzir as formas de representar o mundo, da ciência à arte, do rigor conceitual à estética, à forma, ao cotidiano, à ação política.

Os fios do percurso

Que temas marcam essa primeira parte do livro, cuja erudição se apresenta com tamanha simplicidade? Em primeiro lugar, a explicitação de um problema, pautando o tom do conjunto do livro. Não há fórmulas feitas, prontas para serem vendidas, com o fito de eliminar uma dificuldade real oferecendo uma falsa facilidade. A ideologia é um problema a ser enfrentado, o que se evidencia mais duramente nos terrenos do conhecimento e da prática da vida política. Não há uma maneira *prêt à porter* de eliminar tal dificuldade, mas é possível conhecê-la, iluminar seus descaminhos subreptícios. Se é possível pensar sobre essa dificuldade, é possível também inventar as formas de superá-la. Esse é o lugar no qual se increve esse livro: apresentar uma questão, vista do maior número de ângulos possível, de forma clara e tensa, sem soluções fáceis, mas com a convicção de que é no processo de conhecer e de lutar que se transformam as condições reais e concretas.

Em segundo lugar, essa primeira parte centra-se numa leitura de Marx que se recusa a simplismos, a reducionismos, exigindo integrar a angústia do conhecimento diante dos limites com os quais se defronta, ousando apresentar tais limites, identificar seus contornos, com a convicção de que são superáveis, mas sem a **certeza absoluta** que caracteriza os fanatismos. Esse **drama**, o mesmo da história e da historicidade radical, atravessa toda a primeira parte do livro: somente enfrentando resolutamente o âmagô mais incômodo da presença da ideologia, exatamente ali onde se procura eliminá-la, nos tornamos aptos a lidar com ela, a seguir decifrando o enigma, mesmo se a esfinge arrisca a nos devorar a cada passo.

A apresentação da reflexão de Marx baliza o conjunto do livro, o que é feito acompanhando cronologicamente a construção do conceito e sua crescente complexificação. Cada passo adiante incorpora, modifica e amplia o passo anterior. Inicialmente, a ideologia é identificada à alienação (ou estranhamento); em seguida,

a reflexão marxiana aprofunda-se sobre o Estado, destacando o papel das ilusões ideológicas, onde o que é determinado, o Estado, confunde-se, apresenta-se como sendo o determinante (o particular - a classe dominante - se mostra como o universal). Continuando a trajetória do conceito e sua radicalização em Marx, o livro apresenta o que define como “uma original filosofia do trabalho” (p. 35). A dinâmica das classes sociais, do papel do proletariado sob o sistema capitalista, do trabalho na vida humana e a redução dessa mesma humanidade à mercadoria (e ao dinheiro) nas condições da expansão do capitalismo exigem acrescentar novos elementos à questão da ideologia: como a quantificação supostamente objetiva sufoca a subjetividade real da atividade humana.

Na redação da *Ideologia alemã*, em conjunto com Engels, o encontro com a questão histórica: lutando contra uma concepção de história abstrata, que se “serviria” dos homens como de joguetes, Marx e Engels insistem sobre a atividade concreta desses homens como produtores efetivos de sua história, assim como são os produtores das idéias que, aparentemente, os subjagam. É na concreticidade das relações sociais que se encontra a matriz das idéias abstratas, das formas de pensar que alheiam os homens de sua própria criação, subordinando-os a algo que parece estar além e fora deles: “Criadores, os homens se curvaram diante de suas próprias criações” (*A Ideologia alemã*, p. 13, apud KONDER, p. 39).

Outros elementos completam o quadro. As próprias classes dominantes abriram espaço para seus “pensadores”, aos quais caberia “apresentar o interesse da classe como interesse comum a todos os integrantes da sociedade” (p. 42), o que supõe admitir que a ideologia não pode ser reduzida a pura *falsidade*.

Para se desincumbirem eficazmente de sua tarefa, os ‘pensadores’ ou ‘teóricos’ [das classes dominantes] precisam acreditar no que fazem; precisam estar convencidos de que estão construindo um conhecimento plenamente verdadeiro. Precisam buscar - sinceramente - a universalidade. E isso confere aos produtos que elaboram a preciosa possibilidade de chegarem a alcançar **algum conhecimento real importante**. (p. 42-3)

Se a ideologia falseia ou deforma o sentido global do movimento de uma totalidade, não pode ser reduzida a mera “racionalização cínica, grosseira, tosca, biso-nha ou canhestra dos interesses de uma determinada classe ou de um determinado grupo” (p. 43).

N’*O Capital*, com a análise da mercadoria e de seu fetichismo, Marx mostra como se generalizam “as imagens de uma objetividade ilusória, que encobre e mascara a presença da subjetividade, quer dizer, disfarça a realidade das iniciativas contraditórias e das motivações contrastantes dos seres humanos divididos [em classes]” (p. 47).

Leandro Konder destaca a importância de trabalhar o tema da ideologia no contexto de uma leitura mais ampla e complexa de Marx e Engels, não se limitando à extração de uma “fórmula” (como a da “inversão” ou do “falseamento”), incapaz de dar conta da riqueza do problema apresentado por esses autores.

A primeira parte do livro constitui sua pedra angular, e nela, ainda, o drama da ideologia incorpora outros elementos: a valorização e, portanto, a questão ética, a recusa da mercantilização generalizada e de sua perda de valores, a percepção, com Marx, de que “o processo da ideologia é **maior** do que a falsa consciência, que ele **não se reduz** à falsa consciência” (p. 49, grifos do autor).

É como enigma e como drama que a ideologia se apresenta nesse percurso que nos leva ao âmago dos problemas diante dos quais os ardis da produção do conhecimento nos conduz. Leremos, com Konder, os Iluministas, Hegel, Marx - eixo central de seu argumento, sem deixar de lado o empobrecimento e esquematismo do marxismo em inícios do século XX - os debates teóricos entre Lukács, Manheim, a escola de Frankfurt (Benjamin, Horkheimer, Adorno, Marcuse), Bakhtin, Gramsci, Althusser, Goldmann, Habermas, chegando a alguns dos principais textos brasileiros sobre o tema, como Marilena Chauí, Maurício Tragtenberg, Roberto Schwartz, Sérgio Paulo Rouanet.

Contra toda desdramatização que visa a reduzir, banalizar, tornar fácil e digestivo algo de complexo e indigesto se erige essa primeira parte do livro. Encontram lugar aqui a relação tensa entre a objetividade do conhecimento (a desantropomorfização proposta por Lukács) e a subjetividade, como momento constituinte, no qual se entrecruzam as escolhas, as opções, a política, a arte e a própria formação de cada indivíduo, como singularidade sempre formada num coletivo mais amplo, que a envolve ao mesmo tempo em que a produz, histórica e contraditoriamente, como singular e aberta. Ferida aberta e pulsante no encontro entre o universal e o particular, a questão da ideologia se mostra como local onde as determinações abstratas exigem a reflexão sobre suas mediações traduzidas em práticas concretas e precisamente por isso, históricas.

Encontrando outros pensadores

Do coração central da biblioteca, somos guiados em seguida, na segunda parte do livro, a outras estantes e leituras: como o tema da ideologia aparece em outras áreas do conhecimento, não dedicadas específica e diretamente a ela, mas que a circundam, a interrogam, a problematizam? Que outros problemas e tensões precisam ser admitidos ao debate sobre a ideologia, ainda que os autores agora convocados não tratem, especificamente, da ideologia?

Conversando com lingüistas, defrontamo-nos com o paradoxo da linguagem: ela nos permite nomear e explicar o mundo, mas impõe nesse processo nossa própria marca característica, especificamente social. Meio de expressão e elemento constitutivo dessa mesma expressão, a reflexão sobre sua importância (e sobre a evidência de que a linguagem incorpora e produz efeitos ideológicos), entretanto, não deve nos fazer “ignorar o fato de que a linguagem, embora seja uma esfera absolutamente essencial do modo de existir característico do ser humano, aponta, inevitavelmente, para uma realidade que a abrange, que a envolve, que a inclui, que é maior do que ela” (p. 162). Se o tema da ideologia exige incorporar a questão da linguagem, não pode, entretanto, se limitar ao seu âmbito exclusivo.

Encontraremos também autores que formulam objeções à questão da ideologia, como Ricoeur, em razão de sua desconfiança frente à “totalidade”; Foucault, por seu questionamento da própria noção de sujeito, e Pierre Bourdieu, pela aguda crítica ao voluntarismo, em sua ênfase nos movimentos objetivados da vida social.

Visitaremos também a bricolagem e fragmentação propostas pelos pós-modernistas, para os quais dominaria na atualidade a indistinção entre o virtual, o real e o imaginário, apagando-se com isso a relevância da questão da ideologia. Todavia, lembra Leandro Konder, isso não nos faz avançar, ao contrário nos faz retroceder à impossibilidade da ação e da explicação, por meio de movimentos paralisadores.

O percurso prossegue com historiadores como Duby, Braudel, Vovelle, Thompson e Raymond Williams, Hobsbawm e Ginzburg, em suas pesquisas sobre as formas específicas através das quais se processam os movimentos históricos no terreno das idéias (a história das mentalidades, o “paradigma indiciário”, a “invenção” das tradições), assim como as categorias que esses historiadores propõem para analisar tais fenômenos. Destaca-se, no capítulo, o debate sobre o conceito de hegemonia, o qual para R. Williams, superaria o de ideologia, ao que Konder retruca lembrando que as disputas pela hegemonia implicam em “convicções e motivações ideológicas...” (195).

Outra importante estante reúne uma seleta biblioteca de psicanálise. Se Freud não se ocupa diretamente do tema da ideologia, Konder retoma de sua reflexão elementos fundamentais: o inconsciente e, na segunda tópica, as instâncias psíquicas (o eu, o isso e o supereu), que impõem analisar não apenas os “fatores internos de distorções da representação da realidade”, ou do *enviesamento ideológico*, mas também da *inesgotabilidade* (ou irredutibilidade) do real ao saber (p. 203). Em Lacan, o livro enfatiza a recusa da prioridade atribuída por F. de Saussure ao significado (o conceito) frente ao significante (a imagem acústica). Realça a posição lacaniana e seu vínculo forte com a materialidade da vida social: “o significante tem a força que lhe dá seu vínculo ineliminável com a experiência sensível, imediata. É nele que a

percepção pode sempre nos iludir, mas também é nele que podem ser corrigidos os abusos da abstração e a unilateralidade dos discursos feitos sob o compromisso do controle dos significados” (p. 210).

Na seqüência, um encontro com a estética, especificamente com a relação entre arte e ideologia, ponto sensível uma vez que as formas de representação do mundo não se esgotam nos âmbitos científico ou filosófico. Uma reflexão racional sobre a arte supõe incorporar outros elementos, em especial a relação entre razão e sensibilidade (e suas dificuldades), assim como a questão da forma: “a forma é exigente, impõe uma disciplina rigorosíssima, que separa a expressão artística bem-sucedida das construções canhestras...” e essa questão “**está presente em todas as batalhas vencidas pela criação artística**” (p. 214-5, grifos do autor). Com esses elementos, sugere-nos pensar - com Lukács - na arte não como figuração, mas como transfiguração, relacionando-a ao trabalho como ato criativo.

A questão da ideologia, entretanto, subjaz: traria a arte uma forma peculiar de superá-la? Para Konder, “tanto na ciência como na arte, na medida em que se realizem avanços de um conhecimento efetivo, estarão sendo vencidas batalhas significativas numa campanha **desideologizadora**” (p. 219). Esse processo, entretanto, não é imediato, a “distorção ideológica” podendo se produzir de inúmeras maneiras na produção artística, sobretudo quando esta se dobra à mercantilização, à propaganda, à censura ou ao imediatismo. Compreender a questão da ideologia incorporando a dimensão da sensibilidade e da arte mais uma vez supõe não simplificá-la:

no âmbito específico da criação artística (...) a ação da ideologia mantém uma característica essencial que se manifesta na representação da realidade, na construção do conhecimento, em geral: **a ideologia atua também - e talvez sobretudo - na limitação dos horizontes; se manifesta, possivelmente, mais no que não está sendo visto do que naquilo que está sendo enxergado** (p.223, grifos do autor).

Leandro Konder alerta: a ideologia, frequentemente, “pega carona na argumentação que se dispunha a desmascará-la. Ela faz isso com frequência” (p. 225).

Chegamos agora à estante de cunho filosófico, que trata da ética em sua relação com a ideologia. A tese sustentada por Konder centra-se nos **vínculos** entre o indivíduo (com suas paixões e interesses) e comunidade (matriz dos valores e local de reconhecimento). Nesse vínculo reside a possibilidade da transformação histórica enquanto avanço em direção a uma universalização efetiva e não redutora. É na plena expansão do indivíduo enquanto membro e integrante de um todo que, ao crescer e se expandir permite a expansão da parte e do todo, que se pode inferir mais plenamente a triste dimensão empobrecedora da redução ideológica. Em outros ter-

mos, qualquer ênfase excessiva num dos pólos da balança (no indivíduo ou na coletividade) corre o risco de reificá-los, de torná-los elementos que perderam sua capacidade de universalização, recaindo seja no egoísmo, no individualismo competitivo e em sua contraparte, a solidão, seja no fanatismo acrítico e intolerante, no sectarismo político que perde de vista os seres humanos concretos, com desejos e interesses, com singularidades ricas e potencialmente criativas.

Seguindo o mesmo fio de raciocínio, o livro aborda a dimensão cognitiva do cotidiano, baseando-se em Lukács e Agnes Heller, com o contraponto de Henri Lefebvre.

Em seguida, penetramos na relação mais direta entre ideologia e política, onde a intervenção das partes (cada indivíduo, grupo ou classe social) tende a se realizar ressaltando seu próprio ponto de vista como universal e, exatamente ao fazê-lo, incorre na prática ideológica por excelência, isto é, tomar a parte pelo todo. Nesse capítulo, Konder centra-se na exposição de ideologias conservadoras e elitistas, assinalando, entretanto, a importância de algumas críticas que formulam quanto a procedimentos demagógicos e populistas. Descortina como se plasmou o conservadorismo ao longo do século XX, tanto em sua vertente explicitamente anti-democrática, quanto em sua vertente *soi-disant* democrática, a qual, apesar de uma certa adesão à expansão da cidadania, subordina-a à manutenção do controle elitista, recusando as reivindicações igualitárias.

O capítulo final, coerentemente, retoma a questão que orientou todo o percurso: seria a ideologia uma “questão nunca inteiramente resolvida”? Leandro Konder demarca-se do senso comum e explicita sua convicção quanto à possibilidade da produção de conhecimento, incorporando uma efetiva adesão a valores éticos calçados em pressupostos universais (que se espraiam tanto sobre a possibilidade de produzir conhecimento de cunho universal quanto na sua dimensão de *práxis*, como incorporação efetiva e concreta da humanidade, em seu processo de fazer-se).

Para tanto, Konder toca ainda em tema candente, alertando para a urgência e necessidade do aprofundamento *teórico* na reflexão contemporânea: “...a *práxis* dos revolucionários, nas atuais circunstâncias, necessita de **investimentos maiores e mais ousados na teoria.**” (p.265)

Sem esse aprofundamento teórico, a *práxis* arrisca se reduzir a mero “praticismo”, à repetição dos saberes já constituídos, à perda dessa dimensão crítica, criativa e constituinte da vida social. A exigência da teoria relembra que “o ponto de vista mais avançado tem de ser também o mais abrangente”, que a verdade é a explicitação das contradições e não sua redução a uma linearidade simplificadora mas... falseadora.

Se “onde há conhecimento há ideologia. Mas onde há ideologia há algum conhecimento” (p. 259), a exigência é clara: não se pode afastar como um resquício insuperável a questão ideológica ou deixá-la de lado por sua complexidade. Ao contrário, **reafirma-se a exigência da produção efetiva de conhecimento complexo e abrangente sobre a ideologia, em sua relação também complexa com a práxis**, como dimensão constituinte e aberta para o futuro, histórica no sentido mais amplo e rico do termo.

Debatendo com o amigo

Conforme avançamos na leitura, nos damos conta de que o diálogo com outros autores os incorpora e se consolida numa reflexão própria de Leandro Konder que, pouco a pouco, ganha mais espaço e nos envolve. O que parecia ser uma apresentação cuidadosa e bem guiada de outros autores revela-se um pensamento próprio e denso, sugerindo ao leitor inúmeras questões. Impossível nos deter com calma em cada uma delas e o intuito do livro - o de suscitar (e re-suscitar) – a *questão da ideologia* é plenamente atingido. O livro não se esgota aí, uma vez que se coloca como um desafio a cada um dos seus leitores, que certamente formulará hipóteses mais ricas e consistentes de trabalho, enriquecidas após a leitura.

Em percurso tão vasto e denso, inúmeras dúvidas, interrogações e mesmo discordâncias se descortinam. Desde a seleção dos interlocutores realizada por Leandro Konder até a forma como cada uma das inúmeras questões é encaminhada permitem longos debates. Minha opção será a de discutir apenas uma questão fundamental, uma vez que o livro incita ao debate, à polêmica, ao aprofundamento da reflexão e não a uma mera leitura passiva.

Ora, que eixo central constitui a reflexão de Konder? Já apontamos a ênfase sobre o aspecto dramático da questão ideológica, mas ela demanda sua complementação, lembrando a referência presente reiteradas vezes no livro, alertando contra toda forma de *engessamento, cristalização ou estagnação* do pensamento. O drama, o incômodo, o perturbador é exatamente o elemento capaz de fornecer vitalidade ao processo, de assegurar que a exigência – da *práxis* e do conhecimento – não se esgotem na contemplação do já-feito, do já-vivido, do já-realizado mas, ao contrário, se nutra avançando com o insatisfeito, o demandante, o exigente. Nisso se evidencia a historicidade de sua reflexão. Leandro Konder lembra, entretanto, que as exigências também podem revestir formas conservadoras, como o imediatismo do mercado e as investidas elitistas frente a avanços sociais e é, portanto, na percepção dos elementos contraditórios desse drama que permanece viva a questão da ideologia.

Se o drama aparece de forma mais imediata, o fio condutor de Konder reside na **dimensão ética da produção de conhecimento**, ou na relação entre o ato de pensar (de conhecer) e os valores. Núcleo duro de sua reflexão sobre a ideologia, ele nos remete à relação da parte com o todo e atravessa praticamente todos os capítulos. Vamos nos deter brevemente nele.

Na página 37, comentando Marx, Konder escreve que o dinheiro “embaralha a nossa consciência, trocando valores intrinsecamente **qualitativos** – **valores absolutos**, fundamentais para as convicções duradouras que nos permitem orientar nossas vidas – por valores **quantificados**, sempre **relativos** e conjunturais” (grifos meus, VF). Mais adiante, novamente em torno da relação entre os valores duradouros e efêmeros no tema da universalidade, retoma a discussão sobre o conceito de valor em Marx, citando *O Capital* e a *Contribuição à crítica da economia política* (p. 45 et seq.).

O valor de uso efetivamente contrapõe-se ao valor de troca, em Marx. O primeiro conserva seus atributos subjetivos e qualitativos, enquanto o valor de troca - a mercantilização do ato criativo do trabalho - enclausura-se na mensuração e no quantitativo. Konder assim o apresenta: “O valor de uso, tal como ele [Marx] o concebia, era, por sua própria essência, subjetivo e qualitativo. É o valor que se realiza quando o ser humano vive a experiência de **servir-se de alguma coisa**. O valor de troca, ao contrário, é quantitativo e se define no âmbito **mais acentuadamente objetivo das relações sociais**.” (p. 45-6, grifos meus).

Duas questões se cruzam aqui. De um lado, Konder parece procurar valores absolutos nos quais fundar a reflexão universalizante derivada de Marx. De outro, parece introduzir uma certa limitação na complexa definição do valor de uso. Ora, o “valor de uso”, enquanto designação de uma das formas do “valor”, somente pode ser pensado (e conceitualizado) no momento em que se “quantifica” histórica e socialmente algo de profundamente inquantificável. Quando, portanto, um (a criação, o “valor de uso”) se torna o torna o outro de si mesmo (a produção de valores de uso objetivando a troca). O valor de uso é, de fato, subjetivo e qualitativo, como toda a criação humana.

Em sua riqueza enquanto atividade, o valor de uso não pode ser definido como “serventia”, nem como eliminado da subjetividade o elemento social que o constitui, que figuraria, segundo a definição de Konder, no **outro pólo** da relação, o valor de troca. Ao contrário, o valor de uso refere-se à dimensão propriamente criativa da atividade humana, àquela que produz não apenas “coisas”, mas constrói a própria vida em seus aspectos mais complexos (das necessidades do estômago às da fantasia). Essa atividade produz a própria vida, sempre, porém, no âmbito de certas relações sociais e jamais de forma isolada, o que já evidencia o fato de que a separação

entre “valor de uso” e “valor de troca”, historicamente realizada, coloca aos homens o desafio de superá-la, não pela via do esquecimento, mas como cicatriz com a qual se deve conviver, desde que superada.

Definir o valor de uso como “serventia” corre o risco de introduzir um aspecto pragmático e/ou utilitário, diminuindo seu aspecto de criação efetiva e social. Na atividade subjetiva, no processo de criação, figura a sociedade como pressuposição. A mercantilização da vida social, ou a expansão do valor de troca introduz, de forma **dramática e histórica**, exatamente essa **cisão** entre os dois momentos da atividade (a social e a subjetiva), a partir da qual o “valor de troca” aparece como “objetivo”, embora seja apenas uma forma de obnubilar a relação real. A criatura domina agora o criador.

Essa percepção matizada do valor de uso talvez permita pensar a questão da ideologia, em sua relação com a ética, de forma um pouco diferente. Se, como o mostra Konder, o processo histórico é um processo dialético, no qual a dimensão fundamental da ruptura ocorre sobre a mesma humanidade e, portanto, implica **superação e criação do novo** (numa tensa relação entre conservação e transformação), trata-se de encontrar o **momento histórico dos valores éticos, e não apenas um ponto absoluto**.

Talvez pudéssemos pensar, com Marx, que é porque, historicamente, no plano da criação e da atividade humana, pela primeira vez se instaura uma **efetiva socialização entre os produtores reais da vida** - no plano da atividade efetiva da produção dos valores de uso, no âmago mais profundo da atividade criadora - que se colocam a exigência e a possibilidade concreta de pensar sua universalização como possibilidade real. Não se trata de uma universalidade abstrata, traduzida em valores abstratos e genéricos. Nesse sentido, a questão ética deixaria de repousar numa instância externa ao processo (em belos ideais, por exemplo, ou em formulações sobre a “natureza” humana), mas ao revelar-se plenamente histórica, tornar-se-ia capaz de avançar, de ir além na própria formulação desses valores essenciais.

Assim, nos capacitamos a pensar o processo de ampliação das exigências sociais em direção a uma humanidade universalizada, contrapondo-se à acumulação do capital que, contraditória e antagonicamente, depende dessa universalização mas permanece voltada para o controle parcial, para a separação e a parte: os detentores/defensores/controladores do capital contra todos os demais, os expropriados. Não se trata de entidades absolutas, mas de relações sociais historicamente constituídas. É esse processo histórico que revela a possibilidade dialética de sua superação. Não estão dadas, entretanto, as garantias de que a universalidade histórica – mais uma vez, não absoluta – vença a barbárie particularista a qual sempre se apresenta como absoluta...

O mestre amigo e o drama da ideologia

Esta resenha se encerra com uma certeza: seguimos companheiros na luta comum contra a barbárie. É formidável comentar um livro desse porte, que conduz à discussão e ao debate, e não à calma e à anestesia. Estamos juntos como historiadores, como filósofos, como interrogantes dos múltiplos sentidos que o processo histórico nos impõe como leitura, como desafio, como prática cognitiva e *práxis* social, cotidiana e política.

Comentar o trabalho de um pensador que ousa refletir revolucionariamente significa apostar que diferenças, longe de dividir, podem multiplicar. Isso é o contrário do mundo banal – *e ideologizado*, mesmo quando se propõe “objetivo” – que nos oferece por aí, no qual as diferenças apenas procuram nos reduzir a partes incompletas.

Obrigada, Leandro Konder, pela coragem, pela viagem, pela biblioteca, pelo aprendizado, pelo debate.

KONDER, L. **A questão da ideologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 279p.